



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		COMÉRCIO DO PORTO	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO POPULAR	
CORREIO DA MANHÃ		DIÁRIO DE LISBOA	21. MAI 1980
DIA		CAPITAL	
DIÁRIO		TARDE	
A TRIBUNA			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS			

Lurdes Pintasilgo em Espanha:

“O meu candidato é o general Ramalho Eanes”

«O meu candidato é o general Ramalho Eanes» e «com toda a segurança posso dizer que não serei candidata enquanto estiver presente a candidatura de Ramalho Eanes» — afirma a ex-primeiro-ministro Maria de Lurdes Pintasilgo, em entrevista publicada ontem pelo jornal comunista espanhol «Mundo Obrero».

Sobre o general Soares Carneiro diz que «a única coisa que posso afirmar é que quando os militares realizaram o 25 de Abril, Soares Carneiro não apareceu em lado algum. A minha profunda impressão, sendo muito sincera, é que nada tem a ver com o regime criado naquela data,

mas sim com o anterior».

Maria de Lurdes Pintasilgo critica fortemente a «direita que utilizou e evidentemente utiliza todos os meios possíveis, lícitos ou não, para conseguir os seus fins. Utiliza a mentira, manipula a verdade».

Sobre as relações entre a direita portuguesa e a Federação Pública, afirma que «o confronto é muito grave e previsivelmente aumentará. Estamos a assistir, na maioria parlamentar, em relação ao Chefe do Estado, comportamentos que é difícil encontrar noutras democracias europeias».

Diz, no entanto, «que o bloco de eleitores do general

Eanes, que espero seja candidato, se transformará num sector homogêneo e forte, com possibilidades de derrotar o candidato da direita, general Soares Carneiro».

Em relação à proibição de transmissão de uma entrevista pela TV, Maria de Lurdes Pintasilgo declara que «a censura existe e é muito forte, e uma censura mais grave do que a existente antes do 25 de Abril».

Acrescenta que «a censura que hoje temos em Portugal apresenta-se subtil e perigosa. Apoiar-se nos órgãos criados pelas leis que deveriam permitir a liberdade de expressão. Potencia-se a caça às bruxas dentro dos órgãos de comunicação. A re-

pressão é enorme e lembra-me os governos fortemente autoritários do passado. O objectivo é condicionar a opinião pública sobre uma só opção política. É muito grave».

Quanto às relações entre a AD e a UCD, afirma que «houve um apoio nas passadas eleições, depois (...) depois creio que nenhum dos comportamentos da AD são equiparáveis aos da UCD espanhola. Creio que não há nenhuma correspondência entre a AD e o partido governamental espanhol. O actual Governo da AD é uma força que tenta levar-nos ao passado e não uma força conservadora de direita, no sentido europeu do termo».

Frente Socialista já aprovou manifesto político

As forças empenhadas na criação da Frente eleitoral socialista aprovaram nas últimas reuniões, por unanimidade, uma nova versão do Manifesto Político apresentado por António Reis. Mantêm-se, no entanto, algumas questões em aberto no que respeita ao acordo orgânico da Frente, nomeadamente à sua «administração» e coordenação, e ainda em relação a alguns pontos da revisão constitucional. A reunião desta noite, nas instalações do Rato, da Comissão Directiva e do Secretariado poderá ser decisiva para uma próxima aprovação da Frente.

As negociações avançaram muito nos últimos dias, mas é previsível que a Comissão Directiva do PS tente hoje ainda introduzir algumas propostas à Comissão Negociadora do PS. Fontes próximas das negociações garantiram-nos que houve unanimidade nas últimas reu-

niões também em relação ao governo-sombra — unanimidade na recusa em aceitar governo semelhante ao apresentado num semanário, como se já tivesse sido discutido à mesa das conversações.

Segundo uma fonte socialista, a reunião dos órgãos directivos do PS vai analisar o lançamento de uma campanha de fundos. A questão presidencial não consta da agenda de trabalhos, embora Mário Soares, encarregado de conduzir as respectivas negociações, possa dar algumas informações sobre o assunto.

Vitor Constâncio, José Manuel Galvão Teles e António Reis constituem a Comissão Negociadora do PS para a formação da Frente eleitoral.

A Comissão Directiva do PS é formada por 40 membros eleitos na Comissão Nacional (Maria Rosa Gomes já pediu a demis-

são) e mais seis membros por inerência — Mário Soares, Salgado Zenha (presidente do grupo parlamentar), José António Goulart (Açores), José Conceição (Madeira), José Ribeiro dos Santos (director do «Portugal Socialista») e Alfredo Barroso (director do «Acção Socialista»).

Reunião de luxo

Os pontos que vieram a ficar em aberto da reunião dos órgãos directivos do PS já serão tratados a um outro nível. Para o efeito, vai realizar-se nos próximos dias uma reunião entre Mário Soares, Lopes Cardoso um membro da ASDI e um representante de cada uma das forças empenhadas na criação da Frente.

Se o número de deputados é ainda ponto controverso em

parte devido à pouca margem de manobra demonstrada pela Comissão Negociadora do PS, já foi aceite a existência de uma Comissão Técnica Eleitoral da Frente.

De mais difícil resolução será contudo, o problema das decisões no seio da Frente. Se todos estão de acordo em que as questões devem ser resolvidas por consenso, já quando esta não é possível, as opiniões divergem. O PS diz que basta uma maioria simples; a UEDS e ASDI contra-põem que é necessário uma maioria qualificada.

O «timing» do lançamento da Frente está a originar uma série de obstáculos já que o arrastar das negociações tem impossibilitado delinear as formas de intervenção conjunta na pré-campanha em que vive já a sociedade portuguesa.